



Ana Isabel Moniz

Universidade da Madeira
ana.moniz@staff.uma.pt

ORCID ID: 0000-0003-0533-8636

Almeida, José Domingues de., Outeirinho, Maria de Fátima (dir). 2019. *Tours Verniens*. Paris: éditions Le Manuscrit, « Exotopies ».

Tours Verniens, dirigido por José Domingues de Almeida e Maria de Fátima Outeirinho, publicado em 2019, pelas edições Le Manuscrit, coleção “Exotopies”, apresenta-se como mais um contributo sobre a vasta obra de Jules Verne. Considerado pelo *Index Translationum* da UNESCO como um dos autores mais populares e mais traduzidos do mundo, os textos agora reunidos neste volume vêm assim juntar-se aos inúmeros estudos sobre o autor que, quase dois séculos após o seu nascimento, continua a estimular a curiosidade dos investigadores.

Seguindo a sua missão de uma construção harmoniosa e partilhada de saberes de diversos domínios científicos, com incidência na literatura, na linguística, na tradução e na didáctica, este novo volume da coleção Exotopies vem proporcionar novas reflexões sobre o imaginário de Jules Verne, num diálogo entre várias áreas do saber.

É neste sentido que os diversos ensaios que compõem *Tours Verniens* incidem a sua atenção em investigações que abarcam diversos domínios tais como a literatura, a tradução, o teatro, a geografia, a ciência, a tecnologia. Nestes, inclui-se a consideração de novas modalidades e contextos de recepção da obra de Jules Verne, em Portugal, nomeadamente na internet, como dão conta José Domingues de Almeida e Maria de Fátima Outeirinho. Trata-se de modos distintos de registar a presença do autor nos nossos dias, convocando, frequentes vezes, uma visão comparatista. Os diversos contributos que constituem o livro não deixam assim de interpelar a cultura, a língua e o espaço anunciado logo à partida pelo sub-título de *Tours Verniens*: “Géographie, langue et textes littéraires”.

É nas múltiplas possibilidades de abordagem do conjunto diversificado da obra de um autor que se mantém actual nos nossos dias que o leitor poderá aceder às

formas, aos sentidos e aos mecanismos inerentes ao trabalho do imaginário. No processo da sua construção literária, Jules Verne fixa, num primeiro momento, a sua atenção no contexto geográfico, histórico e cultural com que enforma os seus textos, para levar o leitor a entranhar-se nos mundos recriados pela sua escrita. Uma preferência que parece encontrar a sua justificação nas reflexões do escritor, integradas em “Souvenirs d’enfance et de jeunesse”, quando afirma a sua missão de “peindre la terre entière, le monde entier, sous la forme du roman, en imaginant des aventures spéciales à chaque pays en créant des personnages spéciaux aux milieux où ils agissent” (Verne, 1974: 62). Posteriormente, dá forma às suas personagens, “[des] êtres humains [...] métamorphosés d’acteurs en spectateurs passifs” (Dehs, 2019: 25-26), e constrói a trama que desenvolve com recurso a referências tecnológicas e científicas, como se poderá ler sobretudo nos contributos de Jesús Navarro e de Lionel Dupuy.

Radicado no passado, mas com os olhos postos num tempo outro, do futuro, a escrita ficcional de Verne antecipa esse tempo, como o refere Maria Hermínia Laurel, instaurando um debate sobre a modernidade e o progresso.

Para além do tempo, o universo ficcional de Verne convoca o espaço, unidos assim numa dimensão indivisível. A recriação geográfica não se restringe a um simples registo de lugares representados, com características meramente descritivas e ornamentais, que servem de fundo à acção, mas antes colabora com ela, de certo modo orientando-a, e desvendando ao leitor as linhas da sua compreensão. A sua preferência pela Geografia, seja através do mar, “l’infini vivant” e “le véhicule d’une surnaturelle et prodigieuse existence”, como afirma Verne pela voz do Capitão Nemo, em *Vinte mil léguas submarinas* (I, X), seja através de outros espaços representados e também de “manifestación de las fuerzas de la naturaleza” (Navarro, 2019: 131), impõe-se como uma recorrência de carácter incontornável para a leitura e compreensão da obra deste autor. “J’ai toujours eu une grande passion pour la géographie et les voyages”, afirma Jules Verne numa entrevista referida por Lionel Dupuy (2017 : 104).

Mais do que um simples apoio da narrativa, o espaço geográfico funciona como seu princípio estruturador, permitindo ao leitor captar o imaginário de Jules Verne, não só através da recorrência dos lugares representados como também da dinâmica que os trabalha. “Le roman géographique qui est presque toujours un roman de voyage se prête de manière exemplaire pour confronter l’homme aux divers phénomènes de la nature, pour le mener à ses limites [...]”, afirma Volker Dehs (Vehs, 2019 : 17).

Por sua vez, na obra de Jules Verne, a abordagem da geografia abre-se à consideração de outros temas, de que pode ser exemplo o tema da viagem já que este sempre acompanha o percurso das entidades ficcionais na narração das suas aventuras. Trata-se, aliás, de uma recorrência temática anunciada à partida pelo título da maioria dos seus livros. Uma viagem pelo espaço que, por sua vez, se desdobra nessa outra da leitura, e que se poderá acompanhar através das reflexões de Pilar Tresaco acerca da recepção, em Espanha, de *Voyage autour du monde en quatre vingt jour* e das peripécias do protagonista *Phileas Fogg*. Afinal, é pela dinâmica da leitura que o leitor consegue aceder não só ao(s) sentido(s) do texto, penetrando nesses outros universos possíveis concedidos pela ficção, como também aos efeitos dos sentidos que permitirão (re)constituir uma poética do imaginário do autor. Um autor que não deixa de continuar a interpelar o leitor e a suscitar a atenção, uma constatação perceptível pelas traduções da sua obra em inúmeras línguas, de que nos fala María-Lourdes Cadena na reflexão que apresenta sobre a tradução de três textos em castelhano.

A todos estas possibilidades de abordagem da obra de um autor “passionné de géographie” (Chesneaux, 1971: 26) acresce a reflexão sobre a ligação que entretence com a família, nomeadamente através de alguma da correspondência que trocou com a família, sobretudo com os pais, aquando da sua mudança para Paris para frequentar o curso de Direito. Uma vertente talvez menos conhecida de Verne que Ana María Claver dá a conhecer, sem deixar de dar a ver o papel da mulher na sociedade do século XIX.

Tours Verniens oferece assim um conjunto de textos diversificados sobre a obra do autor que reúne áreas distintas do saber e que com ela dialoga, dando a ver um diálogo interdisciplinar que sobressai da leitura dos seus livros, permitindo cartografar o percurso de Jules Verne, nas suas plurais modalizações e inúmeras possibilidades de abordagem.

Bibliografia

- Chesneaux, J. 1971. *Une lecture politique de Jules Verne*. Paris : Maspero.
- Dehs, Volker. 2019. La mise en scène du monde : l’inscription du *theatrum mundi* dans les *Voyages extraordinaires* de Jules Verne. In *Tours Verniens* de Jose Domingues de Almeida e Maria de Fátima Outeirinho. Paris : Éditions Le Manuscrit, p. 13-30.
- Dupuy, Lionel. 2017. Des hommes et des lieux. Retour sur quelques structures de l’imaginaire géographique vernien. In, Tresaco, María-Pilar, María-Lourdes Cadena, Ana M^a Claver (Coord.). *Otro Viaje extraordinario*. Prensas Universitarias de Zaragoza, p. 103-114.
- Navarro, Jesús. 2019. Oteando tempestades. Dos instrumentos meteorológicos en la obra de Verne. In : *Tours Verniens* de Jose Domingues de Almeida e Maria de Fátima Outeirinho. Paris : Éditions Le Manuscrit, p. 131-145.
- Verne, Jules. 1974. Souvenirs d’enfance et de jeunesse. In P.-A. Touttain (éd.), *Jules Verne*. Paris: L’Herne, p. 57-62.